

## **Cor e identidade racial nas biografias de Machado de Assis (1917-2006)**

*Raquel Campos*<sup>1\*</sup>

### **Resumo**

Inserida em uma história da recepção da obra de Machado de Assis, esta comunicação pretende apresentar as conclusões preliminares de um projeto de pesquisa de pós-doutorado, dedicado a historicizar o tratamento da questão da cor e da identidade racial nas biografias de Machado de Assis. O *corpus* da pesquisa foi delimitado em seis obras: *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo* (1917), de Alfredo Pujol; *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico* (1936), de Lúcia Miguel Pereira; *A vida de Machado de Assis* (1965), de Luiz Viana Filho; *A juventude de Machado de Assis* (1971), de Jean-Michel Massa; *Vida e obra de Machado de Assis* (1981), de Raymundo Magalhães Júnior; e *Machado de Assis: um gênio brasileiro* (2006), de Daniel Piza. Essas biografias foram lidas, preferencialmente em suas primeiras edições, com o intuito de se mapear as referências e alusões à cor e à identidade racial de Machado de Assis. A análise revelou, em primeiro lugar, uma pequena variabilidade na utilização dos termos marcadores de cor e identidade racial, com larga predominância de “mulato” e absoluta ausência de “negro”. Em segundo lugar, pôde-se perceber que esses elementos foram tomados, em geral, como meros dados da biografia do autor, sem grande impacto na construção de sua obra. Desses seis autores, apenas dois – Lúcia Miguel Pereira e Jean-Michel Massa – conferem relevância para essa problemática e apenas a autora de *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico* faz da cor e da identidade racial elementos estruturantes de sua interpretação da obra machadiana.

### **Palavras-chave**

História da recepção; Fortuna crítica machadiana; Raça e literatura.

---

<sup>1\*</sup> Professora da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-doutoranda no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (DLCV-USP), sob a supervisão do professor doutor Hélio de Seixas Guimarães. Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: raquelmgcampos@ufg.br

Se é inegável que o problema da cor e da identidade racial de Machado de Assis assumiu, nos últimos anos, um dos lugares centrais no debate público sobre o escritor, a fortuna crítica machadiana tampouco ficou alheia a essa questão. É provável que atualmente pensemos, mais de imediato, na obra de Eduardo de Assis Duarte, *Machado de Assis afro-descendente* (2006), mas o problema da cor e da identidade racial de Machado de Assis apareceu bem mais cedo na crítica, estando presente já na obra de Sílvio Romero, *Machado de Assis: ensaio comparativo de literatura brasileira* (1897). Em minha pesquisa de pós-doutorado, eu tenho me dedicado a pesquisar esse problema justamente no universo da crítica machadiana, com o recorte mais específico nas biografias do escritor. O objetivo desta comunicação é discutir algumas das conclusões preliminares da pesquisa. Para tanto, torna-se necessário apresentar as biografias selecionadas e os critérios de seleção adotados.

O *corpus* foi delimitado, inicialmente, em seis obras: *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo* (1917), de Alfredo Pujol; *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico* (1936), de Lúcia Miguel Pereira; *A vida de Machado de Assis* (1965), de Luiz Viana Filho; *A juventude de Machado de Assis* (1971), de Jean-Michel Massa; *Vida e obra de Machado de Assis* (1981), de Raymundo Magalhães Júnior; e *Machado de Assis: um gênio brasileiro* (2006), de Daniel Piza. Essa seleção se justifica, por um lado, pela importância de algumas dessas biografias e de seus autores no universo da crítica machadiana, como é o caso das obras de Pujol, Lúcia Miguel Pereira, Jean-Michel Massa e Raymundo Magalhães Júnior. Por outro lado, a inclusão dos trabalhos de Luiz Viana Filho e de Daniel Piza se liga a um dos objetivos da pesquisa: investigar as articulações entre o tratamento da questão da cor e da identidade racial em Machado e o pensamento social brasileiro. Nas décadas de 1960 e de 2000, consolidaram-se importantes modificações na concepção de cor e identidade racial no Brasil. Teria a escrita das biografias de Machado de Assis sofrido o impacto desses debates, desses movimentos, dessas transformações?

Para esta comunicação, me limitarei a apresentar um mapeamento das referências à cor e à identidade racial de Machado de Assis nas biografias estudadas.

Autor da primeira abordagem biográfica de Machado de Assis, em suas conferências proferidas entre 1915 e 1917, Alfredo Pujol faz duas menções oblíquas à cor do escritor. A primeira delas é logo no parágrafo inicial, em que trata do nascimento e da filiação de Joaquim Maria Machado de Assis, cujos pais eram, nas palavras de Pujol, “um casal de gente de cor” (PUJOL, 2007, p. 4). A segunda menção aparece também na Primeira Conferência, em uma passagem na qual Pujol recompõe a figura do jovem Machado de Assis, colaborador do *Diário do Rio de Janeiro*, pelos olhos e impressões de seus amigos de então. Aos 22 anos, Machadinho sabia sofrer calado e resignado “as agruras criadas pela inferioridade de seu nascimento, pelos preconceitos de cor, pela sua grande pobreza” (Ibidem, p. 25). Nessas duas passagens, como se vê, a referência à cor é associada àquela sobre a origem humilde do escritor. Esta, contudo, voltará a aparecer na biografia, em mais de uma ocasião – ao contrário da cor, jamais mencionada diretamente, nem mesmo nesses dois trechos. Eles sugerem que Alfredo Pujol evita mencionar a cor de Machado de Assis. Esse movimento relaciona-se a dois outros. Por um lado, o biógrafo apenas se utiliza do termo “raça” no sentido de nacionalidade, como quando afirma que Franklin Távora sorve nas crônicas e tradições populares a poesia de “nossa raça” (Ibidem, p. 59). Fundamentalmente, e nisto consiste seu segundo movimento, o biógrafo vê em Machado de Assis um grego do século XIX, uma caracterização que aparece três vezes ao longo de suas conferências e que prolonga, assim, uma compreensão já presente em José Veríssimo e compartilhada por Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Olavo Bilac.

Com sua biografia, Lúcia Miguel Pereira veio promover uma forte ruptura com essa perspectiva. Seu Machado de Assis é um alguém marcado por um triplo mal de origem – a pobreza, a cor, a epilepsia –, sobre os quais saiu vitorioso. A autora de *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico* repisa a menção à cor, ao invés de evitá-la. São incontáveis as vezes em que ela se refere ao biografado como “mulatinho” – seu termo preferencial para indicar a identidade racial de Machado de Assis. Ela também lança mão de “mestiço” e, em menor escala, “pardinho”. E chega mesmo a investir na caracterização física do escritor, enfatizando sua inscrição racial. A insistência na cor, inseparável daquela na pobreza e na doença, deve ser entendida, conforme demonstrou Maria Helena Werneck, no quadro de uma concepção

romanceada de biografia, que lê a vida de Machado de Assis dentro de uma perspectiva do romance de formação: tendo encontrado aqueles três importantes obstáculos ao nascer, o jovem do morro do Livramento, marcado por sua ambição e por seu amor pelas letras, alcançou vencê-los e se consagrar como o maior escritor da literatura brasileira.

A diferença entre o prestigioso trabalho de Lúcia Miguel Pereira e a biografia de Luiz Viana Filho (1965) é notória. O título do primeiro capítulo de *A vida de Machado de Assis*, “Entre Cartago e Atenas” (Ibidem, p. 11), sugere, aliás, uma proximidade com a perspectiva de Alfredo Pujol. E, de fato, em duas passagens da biografia, Viana Filho faz referência a essa imagem de Machado de Assis como um grego. Mas o registro é diferente do de Pujol, uma vez que aqui o biógrafo atribui a terceiros – a Nabuco, a José Veríssimo, a Mário de Alencar – essa compreensão, além de não associá-la necessariamente a uma interpretação de sua literatura (Ibidem, p. 123; 189). Nessa biografia de 1965, também são escassas as referências à cor e à identidade racial de Machado de Assis, mas elas abordam diretamente a aparência do escritor, além de revelarem o peso da interpretação de Lúcia Miguel Pereira, visto que relacionadas sucessivamente ao registro da feiúra e ao de um de seus três males de origem. Chama a atenção, ainda, a referência ao estudo de Peregrino Júnior sobre a iconografia de Machado de Assis, em que o autor discute o embranquecimento, ao longo dos anos, da auto-imagem do criador de Capitu. Viana Filho, comentando a análise de Peregrino Júnior sobre a fotografia publicada no volume das *Poesias Completas* (1901), julga compreensível que Machado, aparecendo ali como “uma flor da civilização”, fizesse desta sua imagem oficial. E acrescenta que, de fato, o “tempo depurou a fisionomia de Machado, fazendo-o perder gradativamente os traços do mestiço. Ao fim da vida dificilmente se dirá não ser um ariano” (Ibidem, p. 202).

Em sua biografia com pretensão de máxima minúcia documental, Jean-Michel Massa dedicou um subcapítulo especificamente à questão da cor e da identidade racial de Machado de Assis. Intitulado “J. M. Machado de Assis, um Mestiço”, nele o autor de *A Juventude de Machado de Assis* afirma que, tendo podido ser, segundo as leis da genética mendeliana, branco, mestiço ou negro – já que seu pai era de tez escura e a mãe, de tez branca – o escritor “é, parece, mestiço” (Massa, 1971, p. 47). Mas Massa

não deixa de considerar a complexidade dos marcadores sociais no Brasil, antes e depois da escravidão. Assim, ele reconhece a relação entre a ascensão social e o branqueamento de Machado de Assis, para concluir, em tom arbitral que “Machado de Assis, como muitos brasileiros, não é nem um homem de cor, nem, *strictu sensu*, um homem branco”. E acrescenta, em seguida, que “no Brasil, mais do que em qualquer outra parte, a condição e o gênero de vida definem a participação efetiva a um grupo social” (Ibidem, p. 49).

Autor de um trabalho exaustivo e cuidadoso, escrito ao cabo de anos e anos de dedicação à pesquisa da obra machadiana, Raymundo Magalhães Júnior foi outro dos biógrafos que não conferiu grande importância à questão da cor e da identidade racial de seu biografado. Em seu *Vida e obra de Machado de Assis*, ele faz poucas referências dessa natureza, apenas anotando aqui ou ali que o escritor era “amulatado” (Magalhães Jr., 1981, v. 1, p. ou que Carolina Xavier de Novais teria dito que se casaria com “um homem de cor” (Ibidem, v. 2, p. 34).

A mais recente biografia de Machado de Assis, *Machado de Assis, um gênio brasileiro* (2006) tampouco enfatiza os elementos de identidade de raça. Na obra de Daniel Piza, voltada para o grande público, dividida em capítulos que procuram articular três dimensões – o contexto político, social e cultural, a vida e a obra machadianas – são esparsas as alusões à cor de Machado de Assis, que é referido sempre, nessas ocasiões, como mulato.

### **Considerações finais**

Questão largamente marginal nas biografias de Machado de Assis, os elementos de cor e identidade racial aparecem normalmente como simples dados da vida do autor, que não tiveram impacto em sua obra. Nesse sentido, eles foram objeto de pouca consideração por parte dos biógrafos. A grande exceção é a biografia escrita por Lúcia Miguel Pereira, *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico*. Nela, há uma ênfase sem paralelos na cor e na identidade racial do autor de *Memorial de Aires*. Isso se explica porque a biógrafa toma esses elementos, juntamente com a origem social

modesta e a epilepsia, como determinantes para a trajetória de Machado de Assis e para as características de sua obra.

Um outro elemento que sobressai da análise diz respeito aos termos utilizados pelos biógrafos para indicar a cor e a identidade racial de Machado de Assis. A denominação preferida foi “mulato”, com algumas variações, como “amulatado” ou “pardinho”. Em segundo lugar, aparece “mestiço”, embora com bem menos ocorrências. Foi possível identificar ainda a utilização de “homem de cor”. Por outro lado, lendo as biografias com os olhos do presente, chama a atenção a ausência de classificações de Machado de Assis como “negro”.

### **Referências Bibliográficas**

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. 4 volumes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis: ensaio de biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis, estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Editora Nacional, 1936.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis, um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

VIANA FILHO, Luís. *A vida de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965. (Coleção Documentos Brasileiros).

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.